

A AUDIODESCRIÇÃO COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO PARA PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE RESENDE

INTRODUÇÃO

Na perspectiva de um aprendizado cada vez mais inclusivo, a secretaria dos direitos da pessoa com deficiência, atrelada à casa dos conselhos da cidade de Resende, localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, me convidou para ministrar uma palestra para professores da rede municipal regular de ensino para abordar os benefícios da audiodescrição. O local escolhido para isso foi o auditório da FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica). O público esperado era em torno de 300 pessoas.

Além de apresentar o recurso e mostrar a importância, o objetivo era mostrar como o professor em sala de aula podia tornar suas aulas mais inclusivas e fazer com que isso se tornasse uma prática diária no contexto escolar.

Essa necessidade surgiu pelo fato de que várias pessoas com deficiência visual, que trabalham no setor público, começaram a reivindicar o recurso. A partir daí, com base na legislação, foi feita a sugestão de que o recurso chegasse até as salas de aula.

Com essa ação era esperado que os professores se conscientizassem da importância do recurso e pudessem se aprimorar aplicando a técnica em sala de aula e que isso se tornasse cada vez mais naturalizado no seu dia a dia.

Além desta seção, na sequência a fundamentação teórica trará uma breve citação da LBI (Lei Brasileira de Inclusão), informações sobre e a audiodescrição como tecnologia assistiva e a aplicação da audiodescrição em sala de aula. Na seção seguinte abordaremos a metodologia, informando os

recursos utilizados e as estratégias para reflexões e conscientização. Em seguida os resultados onde se averiguará se objetivos traçados foram atingidos. Por fim as considerações finais com um breve relato de como se percebe a audiodescrição dentro de sala de aula.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Historicamente as pessoas com deficiência sofrem com diversas barreiras, principalmente a atitudinais. Com isso o processo de marginalização é inevitável para uma porcentagem de quase 25% da população, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), (2010). Entretanto várias conquistas vem sendo agregadas à sociedade. A exemplo da LBI (Lei Brasileira de Inclusão) de 06 de julho de 2015, que no Art. 27 do capítulo IV menciona que

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015)

Neste viés entendemos a necessidade de atender as especificidades deste público diverso no contexto escolar. Com isso a importância de lançar mão da tecnologia assistiva que, segundo o Portal do Governo do Brasil (2019) é uma área do conhecimento interdisciplinar que envolve produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que proporcionem mais autonomia, independência e qualidade de vida a pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida.

Neste sentido podemos citar a audiodescrição que é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual, que é o público alvo além de outros beneficiários, segundo Motta e Romeu Filho (2010). É a arte de traduzir por meio de uma narrativa descritiva além de outras técnicas verbais, mensagens visuais que não podem ser percebidas através dos sinais acústicos contidos nos textos, como acrescenta Neves (2011). Complementa que essa arte descreve objetos que tem valor comunicativo visualista. Sá (2015) ressalta que este recurso consiste na descrição de ações, expressões faciais, características físicas, linguagem gestual, descrição dos cenários e figurino.

Este recurso de acessibilidade comunicacional pode ser aplicado em peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, desfiles, espetáculos de dança, eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras, além das óperas e concertos, como afirmam Motta e Romeu Filho (2010).

Neste sentido, podemos perceber que faz-se necessária a aplicação da audiodescrição no contexto escolar em todas as suas esferas. Que o professor utilize este recurso como ferramenta pedagógica para a sua prática diária. A escola, segundo Motta (2016), no papel de contribuir para a construção dos saberes, precisa preparar docentes que saibam fazer leitura do mundo imagético em que vivemos, além de ensinar seus alunos a fazê-lo. Cita que os filmes, cartazes, eventos, os livros didáticos repletos de fotografias, charges, desenhos, gráficos, tabelas, mapas, tirinhas e histórias em quadrinhos, estão inseridos na rotina pedagógica. Declara que tanto as imagens estáticas quanto dinâmicas, são utilizadas, não somente para ilustrar mas, para chamar a atenção e tornar as aulas mais atraentes e torna-los mais facilmente compreendidos ou assimilados.

Como todas as imagens tem significado, a autora concluir que faz-se necessário fazer a tradução de imagens em palavras levando em consideração a diversidade de alunos.

METODOLOGIA

A partir da importância do recurso da audiodescrição como ferramenta pedagógica no contexto escolar, como vimos na seção anterior, segue as etapas de uma palestra que foi ministrada por mim, com objetivo de sensibilizar e provocar reflexões sobre este recurso de acessibilidade comunicacional a professores do sistema regular público de ensino.

O convite para a palestra surgiu da casa dos conselhos que abriga a secretaria de direitos das pessoas com deficiência do município de Resende localizado no interior do estado do Rio de Janeiro. A proposta era atingir o maior número de professores que estão em sala de aula e convivem com a diversidade e especificidades dos alunos.

A palestra foi ministrada para um número de aproximadamente 200 professores, contando com pessoas com deficiência visual, que é o público alvo do recurso da audiodescrição.

Inicialmente foi feita uma abertura onde mencionei minha trajetória acadêmica até chegar no contexto da audiodescrição e como é a minha atuação atual neste campo. A partir daí sugeri uma atividade onde todos iriam assistir um filme e que a término do mesmo todos deveriam opinar sobre o que acharam sobre o mesmo. A exibição foi de um curta metragem chamado “O outro par” que conta com o recurso de audiodescrição elaborado pela roteirista Wilma Kauss, consultoria de Felipe Monteiro e narração de Márcia Caspary. Esse curta foi vencedor do Festival Ver Ouvindo que ocorreu na cidade de Recife, Pernambuco, no ano de 2017, como melhor roteiro de audiodescrição definido pelo júri técnico.

Neste primeiro momento o curta foi exibido sem o recurso da audiodescrição e sem imagem. Afinal foi feito um questionamento sobre a experiência. As pessoas estavam um pouco tímidas, mas logo começaram a opinar. Algumas pessoas no intuito de agradar informaram que gostaram da música, algumas citaram ter ouvido som de trem, outras de pessoas em um local aberto e também o diálogo em língua estrangeira. Questionei sobre o enredo do filme. Algumas pessoas tentaram arriscar algo sobre uma estação de trem, mas não souberam exatamente do que se tratava.

Na sequência estimei uma reflexão sobre como as pessoas com deficiência visual tem acesso à informações nos cinemas. As pessoas começaram a opinar sobre as dificuldades que este público enfrenta ao receber informações visuais, além de relatarem sobre experiências pessoais com pessoas com deficiência.

Na sequência foi proposta a segunda atividade onde as pessoas assistiram o mesmo curta, agora com audiodescrição e sem imagem visual. Ao término puderam opinar e comparar com a mostra anterior. Disseram o quanto o recurso é benéfico e como conseguiram absorver o conteúdo. Desta vez as pessoas tiveram condições de explicar o contexto do filme além de entenderem o diálogo entre pessoas de língua estrangeira.

Na terceira atividade o público assistiu o mesmo curta com imagens visuais e o recurso da audiodescrição. Os relatos foram dos mais diversos. Desde as pessoas que disseram que é muito melhor assistir com audiodescrição, pois chama a atenção para elementos que certamente passariam despercebidos, até o relato de pessoas que disseram que a audiodescrição não é totalmente fiel à obra pelo fato de não descrever tudo que está sendo exibido.

As pessoas com deficiência visual se manifestaram informando que já conheciam o recurso e o quanto é benéfico, mas reforçaram a dificuldade que os mesmos encontram em ativar o recurso em aparelhos de TV pelo fato de

não haver uma tecla específica no controle remoto para essa ativação. Também o aspecto de não haver uma padronização entre os modelos de televisores disponíveis no mercado.

Após esta parte inicial, estimei um debate sobre como a audiodescrição poderia ser aplicada em sala de aula. Várias pessoas se manifestaram em uma longa e rica conversa. Foram vários apontamentos como utilização na descrição de slides, imagens diversas dos livros, mapas, gráficos e até da escola em sim. Vários relatos também trouxeram as dificuldades enfrentadas no processo de inclusão. Muitos relataram que a grande dificuldade é a falta de materiais adaptados e formação específica nesta área para poderem trabalhar de forma mais igualitária.

Com base nos relatos de dificuldades dos professores propus atividades multissensoriais além de recursos táteis que já fazem parte da rotina diária destes profissionais. Materiais diversos que podem lançar mão para a construção destes recursos e como isso pode ser aliado à audiodescrição fortalecendo e propiciando o conhecimento de forma que todos serão beneficiados, alunos com e sem deficiência.

Para concluir este evento e com intuito de provocar reflexões no sentido da inclusão, diversidade e o respeito pelo direito do outro, exibi o curta metragem “O porco espinho” que conta com o recurso de audiodescrição elaborado pela empresa VER COM PALAVRAS AUDIODESCRIÇÃO.

RESULTADOS

Com base nos objetivos traçados para esta atividade, fica claro que os mesmos foram atingidos. As pessoas presentes na palestra foram capazes de identificar a importância do recurso de audiodescrição para pessoas usuárias do recurso, principalmente as com deficiência visual. Entenderam como um material com este recurso de acessibilidade comunicacional proporciona maior compreensão e entendimento da obra.

Foram capazes de perceber que é possível que todos tenham acesso à um produto visual de forma igualitária atendendo suas especificidades. Refletiram sobre suas experiências em sala de aula e da falta de recursos de acessibilidade e como suas práticas precisam de aprimoramentos para o desenvolvimento inclusivo. Puderam absorver os benefícios de agregar materiais de diferentes texturas, do cotidiano, como recursos táteis à audiodescrição, em uma proposta multissensorial.

CONCLUSÃO

Apesar da audiodescrição estar sendo aplicada formalmente no Brasil há 16 anos, é grande o número de pessoas que nunca tiveram acesso à esse recurso, inclusive pessoas com deficiência visual que é o público alvo desta tecnologia assistiva. O desconhecimento torna-se maior ainda quando falamos do contexto escolar. Os professores ainda encontram-se desinformados e com ânsia de absorver tais conhecimentos para trabalharem de forma mais inclusiva.

É notório o interesse desta classe de profissionais em proporcionar igualdade de acesso a todos os alunos, mas enfrentam diversas barreiras que vão da falta de tempo até cursos formativos técnicos.

É necessário que hajam mais momentos de reflexão e discussão sobre o recurso da audiodescrição em sala de aula e cursos formativos para professores. Que estes profissionais absorvam este recurso como ferramenta pedagógica em sua prática diária no contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão (13.146) de 06 de julho de 2015**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm Acesso em 22 de mai. de 2019.

MOTTA, Livia Maria Vilela Melo **Audiodescrição na escola;: abrindo caminhos para leitura de mundo.** Campinas, SP : Pontes Editores, 2016.

MOTTA, Livia Maria Vilela Melo. & ROMEU FILHO, Paulo. (Orgs.) **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

NEVES, Josélia. **Guia da Audiodescrição: imagens que se ouvem.** Instituto Nacional para Reabilitação/Instituto Politécnico de Leiria, 2011.

PORTAL da Educação. **História da deficiência no Brasil.** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/historia-da-deficiencia-no-brasil/31966>>. Acesso em: 22 de mai. 2019.

PORTAL DO GOVERNO DO BRASIL.

Tecnologia assistiva ajuda a melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2010/08/tecnologia-assistiva>> Acesso em 31 de mar. De 2019.

SÁ, Elizabete Dias. **A Consultoria na prática da audiodescrição: A perspectiva dos consultores com deficiência visual.** Universidade Federal de Juiz de Fora Faculdade de Educação Física e Desportos Curso de especialização em audiodescrição. Juiz de Fora. 2015.